

Arte, seringas e corpos ciborgues: incorporando experimentações no fazer de uma pesquisa sobre inseminações caseiras

*Art, Syringes, and Cyborg Bodies: Embodying
Experiments in Home Insemination Research*

Flora Villas Carvalho

RESUMO

O objetivo deste capítulo consiste em apresentar as experimentações artísticas e corporais desenvolvidas durante minha pesquisa sobre grupos de inseminação caseira e o “método seringa” entre lésbicas/sapatonas. Nessa pesquisa, busquei mapear os papéis das tecnologias e agentes não humanos nas redes ciborgues (Haraway, 2009 [1985]) e sociotécnicas (Latour, 1994) que compõem o cenário da inseminação caseira no Brasil, através de uma observação-participante em grupos de *Facebook* e, também, através de experimentações tecnocorporais e artísticas. Neste capítulo proposto, portanto, faço um recorte dessas experimentações e dos modos pelos quais elas serviram não apenas como resultados, mas também como modo de fazer a pesquisa e de me afetar com e por ela, assim como por sua materialidade. A ideia, além de apresentar os exemplos e processos de experimentações desenvolvidas durante a pesquisa – com desenhos, pinturas, fotos, vídeos, colagens, modelagem em argila e em 3D – é também de demonstrar como essas diferentes práticas artísticas e de in(corpo)ração têm o potencial metodológico de enriquecer a investigação etnográfica, proporcionando novas formas de ver, narrar, experienciar e adentrar os contextos estudados.

PALAVRAS-CHAVE: Inseminação caseira; Lésbicas/Sapatonas; Experimentações tecnocorporais; Etnografia; Arte.

ABSTRACT

The purpose of this chapter is to present the artistic and bodily experiments developed during my research on home insemination groups and the “syringe method” among lesbians/dykes. In this research, I sought to map the roles of technologies and non-human agents within cyborg (Haraway, 2009 [1985]) and sociotechnical networks (Latour, 1994) that shape the scenario of home insemination in Brazil, through participant observation in Facebook groups and also through technobodily and artistic experiments. In this proposed chapter, therefore, I focus on these experiments and the ways in which they served not only as outcomes but also as methods for conducting research and allowing myself to be affected by and with it, as well as by its materiality. The goal, in addition to presenting the examples and processes of experiments developed during the research—with drawings, paintings, photos, videos, collages, clay and 3D modeling—is also to demonstrate how these different artistic and embodying practices have the methodological potential to enrich ethnographic investigation, providing new ways of seeing, narrating, experiencing, and entering the studied contexts.

KEYWORDS: Home insemination; Lesbians/Dykes; Technobodily experimentations; Ethnography; Art.

INTRODUÇÃO

Figura 1 – Experimento artístico com seringa, papel canson arranhado com agulha e nanquim, formando “redes” de água e tinta



Fonte: Elaboração própria (2023).

Este texto nasce como um recorte de minha pesquisa de mestrado,¹ cuja dissertação se intitula “*Método seringa*”: *materialidades ciborgues, saberes e técnicas da inseminação caseira na produção de maternidades lésbicas/sapatonas* (Carvalho, 2024). Nela, busquei investigar as práticas e técnicas de inseminação caseira (IC) por casais de lésbicas/sapatonas, através do chamado “método seringa”, construído de forma coletiva e autônoma em contextos de grupos digitais. A inseminação caseira é semelhante à inseminação artificial, mas é feita com o esperma de um doador não anônimo e sem mediação médica. Com o auxílio de uma seringa sem agulha, o esperma do doador é inseminado na futura gestante, por ela mesma ou por sua parceira. Em geral, esses procedimentos são realizados em ambientes domésticos, seja na residência da pessoa que irá gestar ou na casa do doador.

A inseminação caseira – enquanto prática autônoma, gratuita, digitalmente conectada e frequentemente lésbica – se insere e dissemina de maneira crescente no Brasil a partir dos últimos dez anos, em especial se infiltrando em uma série de lacunas que deixam os tratamentos públicos estatais, por um lado, e os tratamentos em clínicas privadas, por outro. Até uma década atrás, o acesso de pessoas LGBTQIAPN+ não era contemplado nas regulamentações das práticas clínicas de reprodução assistida. Até hoje, enfrentamos uma série de exclusões e violências, tanto no contexto da saúde pública quanto no das clínicas privadas. Ademais, os altos custos cobrados nessas clínicas pelos procedimentos de inseminação artificial e fertilização *in vitro* (FIV) não são acessíveis a boa parte da população, só sendo possível sua utilização por algumas pessoas, em uma distribuição de acesso/exclusão que é especialmente atravessada por marcadores socioeconômicos, raciais e geográficos, mas profundamente marcada também por questões de gênero e sexualidade.

1 Financiamento da pesquisa pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação no período de 2021 a 2023.

Outro aspecto que marca o contexto e o histórico das inseminações caseiras no Brasil é que ele se encontra especialmente marcado pelo digital, uma vez que boa parte destas práticas são conduzidas e produzidas por relações criadas em grupos digitais que agregam “tentantes” (categoria êmica desses grupos para potenciais gestantes) e “doadores” (de sêmen) e são estabelecidos na plataforma *Facebook* e no aplicativo *WhatsApp*. O recorte empírico do campo que desenvolvi nessa minha pesquisa compreende dois desses grupos digitais presentes na plataforma *Facebook*, ambos com uma consistente presença de lésbicas/sapatonas.

Inspirei nos trabalhos de Paul Preciado (2023 [2008], 2011) e amparei nos conceitos de redes sociotécnicas de Bruno Latour (1994) e corpos ciborgues de Donna Haraway (2009 [1985]), investi-guei esses dois grupos digitais, buscando refletir acerca dos diversos agentes e agenciamentos que compõem a busca e feitura da concepção lésbica através da inseminação caseira, com enfoque sobre as materialidades que compõem os processos, técnicas, saberes e corpos desse contexto.

Para além do mapeamento e acompanhamento etnográfico dessas redes, de forma concomitante e articulada desenvolvi outro conjunto de processos e práticas de pesquisa que se constituíram no mapeamento e experimentação (corporal, artística e etnográfica com) os repertórios tecnomateriais e imagéticos que compõem, atravessam e atuam nas práticas de inseminação caseira. É nesse conjunto que está o recorte deste texto.

PERCURSOS E INSPIRAÇÕES METODOLÓGICAS²

Dentro da metodologia utilizada na pesquisa, o conjunto de técnicas que vou apresentar aqui foi talvez minha maior surpresa e maior encanto ao longo da pesquisa: as experimentações artísticas e corpo-

2 A pesquisa teve anuência do Comitê de Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais da Unicamp em junho de 2022 (CAAE: 56634322.8.0000.8142).

rais. Nesse processo, me apropriei das propostas teórico-metodológicas de trabalhos e pesquisadorias que se propuseram a incorporar, de diferentes maneiras, o fazer gráfico em suas produções e incursões etnográficas, tal como a análise e feitura de repertórios imagéticos e materiais. Em especial, me amparo em estudos etnográficos que se aprofundam nas potencialidades do desenho e da produção plástica na pesquisa antropológica.

Assim, em algumas dessas pesquisas e experimentações, o desenho aparece enquanto uma metodologia de pesquisa, na qual o próprio processo de desenhar – de criar, experimentar e registrar graficamente – é parte do fazer da pesquisa. Em outras, o desenho é um resultado dessa pesquisa, uma maneira de apresentá-la a partir de outras maneiras de narrativa que não apenas a textual, explorando as peculiaridades comunicativas, afetivas e afetadas que a pesquisa carrega e que produz. Outras pesquisas, ainda, tomam o desenho e outros tipos de produção gráfica enquanto objetos de estudo e de interlocução. Por fim, há aquelas que conjugam todas ou algumas dessas abordagens, abraçando diferentes potencialidades e usos do desenho na pesquisa etnográfica e antropológica. Como destaca Aina Azevedo (2016a, p. 24), “o desenho pode ser entendido como um processo, uma maneira de pensar, observar, conhecer, descrever e revelar menos comprometido com o resultado final”.

Os fazeres gráficos também podem ser criados, expressos e interpelados em diferentes e plurais formatos, suportes, materiais e estilos que, por sua vez, também criam maneiras de incorporar estes fazeres nas pesquisas e carregam consigo diferentes potencialidades artísticas, analíticas, reflexivas. Afinal, como bem nos vêm ensinando a Arqueologia e as Artes Visuais há décadas, os modos peculiares pelos quais as coisas e grafias se configuram materialmente dizem sobre diferentes formas dessas materialidades e imagens estarem no mundo, se relacionarem com as pessoas e outras coisas, dizem sobre suas identidades e subjetividades. Dessa forma, cada maneira de fazer gráfico –

lápiz, pinturas acrílicas, a óleo, aquarelas, esculturas, colagens – e cada forma e perspectiva de abordá-las geram também novas e peculiares potencialidades à pesquisa que se desenvolve e à pesquisa antropológica como um todo.

Incorporando e repensando algumas dessas propostas em minha pesquisa, acionei essas potencialidades não apenas para pensar e experimentar com diferentes técnicas e formas de desenho – analógicos e digitais e com diferentes materiais – mas também para a experimentação artística com outras formas de artes plásticas, como pintura, colagens e modelagem. Com base em todo esse repertório, busquei experimentar e criar com repertórios gráficos e produções visuais, artísticas, literárias, corporais e digitais, ao longo dos meses em que realizei o campo e a partir deles.

Por um lado, propus estudar os repertórios gráficos, materiais e imagéticos dos grupos digitais de inseminação caseira, a partir de análises reflexivas e textuais dessas imagens (aquelas publicadas, compartilhadas, mas também a própria estética da plataforma que incorpora esses grupos). Em minhas observações e acompanhamentos, pude constatar que há, nos grupos que compõem meu recorte, um repertório imagético muito particular das publicações, comentários e outros modos de interação e conexão. Testes de gravidez, de ovulação, fotos de fluídos e excreções corporais, *prints* de conversas, fotos de crianças de diferentes idades, geradas por meio de inseminação caseira, e de suas famílias (quase sempre lésbicas) e *selfies* de doadores são alguns dos agrupamentos gráficos que esse repertório imagético dos grupos me permitiu mapear.³ Busquei, partindo desse conjunto, pensar como essas imagens são utilizadas, veiculadas e acionadas dentro dos grupos, o que elas nos dizem sobre as interações nos/dos grupos, sobre as materialidades da inseminação caseira e como tanto coisas quanto imagens atuam nessas redes.

3 Ao todo, como resultado do mapeamento que fiz desse acervo fotográfico ao longo dos dois meses em que realizei meu campo, reuni e dei início à análise de um conjunto de 477 imagens.

Por outro lado, busquei colaborar com a feitura de novas imagens (fotografias, gráficos, *QR Codes*, desenhos, redes) em diferentes formatos e técnicas (digitais, plásticas, colagens, materiais) e imergir criativamente em experimentos com as materialidades físicas e digitais da inseminação caseira, fazendo uma observação participante e reflexiva com estes agentes materiais e explorando como essas materialidades múltiplas estão articuladas a uma produção (disputada) de saberes próprios das inseminações caseiras.

Busquei explorar as múltiplas potencialidades de pesquisar e experimentar (com “arte”, corpo e literatura) as materialidades e imagens das inseminações caseiras, e também de mapear e criar com esses repertórios imagéticos que estão nos grupos, tal como produzir mapas visuais das interações em rede contidas neles. Algumas dessas experimentações foram: experimentos artísticos com os seres-coisas da inseminação caseira, composto por desenhos, fotos e descrições imaginadas dos principais elementos materiais da IC; experimentos tecnocorporais, estudando, descrevendo/imaginando e experimentando com cada um desses materiais/tecnologias, fazendo estudos corporais dos gestos, das posturas, das imagens, da lide com os materiais, de como eles agem, performando as práticas presentes na inseminação caseira em meu próprio corpo, fotografando, filmando, desenhando e editando/intervindo nesta produção de imagens e de relatos de todo esse processo; e colagens com as materialidades da inseminação caseira em redes, digitais e físicas, brincando com seus diálogos e possibilidades.

ADENTRANDO AS EXPERIMENTAÇÕES

A seguir apresentarei parte das experimentações desenvolvidas e alguns dos caminhos analíticos que a produção delas me permitiu. É importante destacar, entretanto, que o ato de tentar descrever ou explicar essas experimentações e seu processo criativo e produtivo é bastante difícil, já que nem sempre os caminhos e inspirações que essa

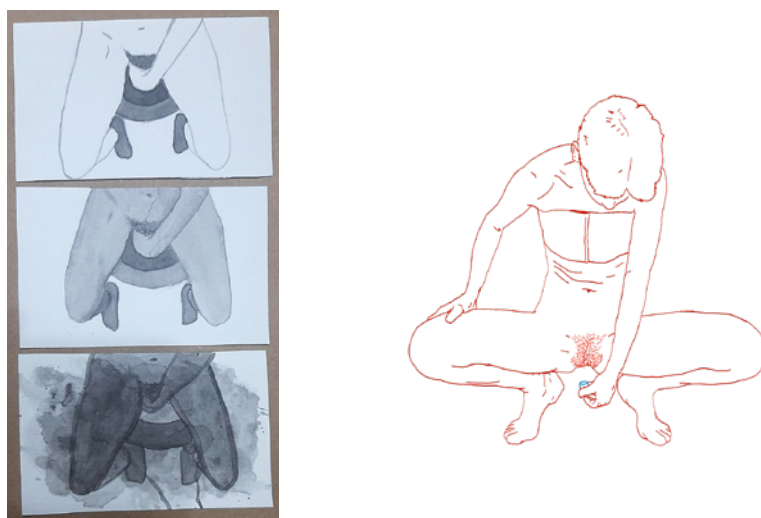
produção pede se encaixam nos formatos de análise acadêmica e textual com os quais estamos acostumados. Penso que, às vezes, esses experimentos me foram muito mais relevantes pelo próprio fazer deles – e sobre o que aprendi, corporalmente – com eles, do que por um resultado sobre o qual eu dê conta de dissertar. Ainda assim, tentarei colocar em palavras alguns desses processos e apresentar em imagens alguns desses resultados.

Experimentações corporais

O primeiro conjunto de experimentações desenvolvidas que vou apresentar são aquelas nas quais me dediquei a testar as técnicas e práticas compartilhadas e construídas coletivamente nos grupos, sendo elas dadas em dois movimentos: o primeiro de controle do ciclo menstrual e da fertilidade e o segundo da realização da inseminação em si.

O controle dos ciclos: testes, calendários e consultas

Figura 2 e Figura 3 – Tecnogestos da realização de testes caseiros em nanquim e caneta digital



Fonte: Elaboração própria (2022).

O controle do ciclo e das ovulações é muito importante no processo de buscar “o positivo” através da inseminação caseira, já que a inseminação caseira deve ser feita, preferencialmente, no período de ovulação da tentante, de modo a gerar maiores chances de a inseminação caseira se converter em um resultado positivo. Esse planejamento, que conjuga o calendário de tentativas com os doadores e o período fértil de quem vai ser inseminada, é um processo pelo qual quase todas as tentantes de inseminação caseira passam e experenciam, sozinhas ou com seus parceiros, mas conta também com a agência de uma rede coletiva, com participações de outras tentantes e doadores dos e nos grupos digitais.

Para esse controle, as tentantes utilizam e discutem nessas publicações:

- Testes caseiros de ovulação, de diferentes tipos e marcas, mas especialmente os testes de tira. Os testes caseiros parecem ser o principal modo de controle utilizado e indicado, sendo muitas vezes fotografado e compartilhado com essa rede de participantes para consulta, buscando o auxílio de outras tentantes e doadores para compreender seus resultados;
- Aplicativos menstruais, de modo que as tentantes perguntam umas às outras se já utilizaram aplicativos menstruais para controlar seu ciclo fértil, sobre os quais as tentantes trocam informações sobre o uso, quais são melhores, mais confiáveis ou precisos; mas também compartilham *prints* de seus calendários menstruais dos aplicativos como material para consultar outras tentantes acerca de seus períodos férteis;
- Controle através de relatos, dúvidas e fotos de sintomas corporais (como cólicas, consistência das secreções vaginais, muco, dentre outros) e as datas dos últimos ciclos, a serem checados sempre pelo coletivo.

Assim, um conjunto de interações bastante expressivo dos grupos são o que chamei de “consultas de positivos”, onde as tentantes ou suas parceiras e parceiros compartilham esses relatos, fotos e *prints* citados anteriormente e buscam, por meio delas a ajuda umas das outras para dar diagnósticos de sua gravidez, ou não.

Muitas das postagens expressaram dúvidas, portanto, sobre possíveis sintomas de gravidez, como cólicas, dores nas costas e nos seios, secreção vaginal e nidação. Há também muitas perguntas sobre o momento certo para fazer um teste de gravidez e como interpretar os resultados. Junto a essas descrições que compõem a construção desses “casos” que são apresentados para consulta des pares no grupo, uma prática comum registrada/compartilhada por meio de fotografias é a produção de “calendários” de inseminação caseira, nos quais são anotados os dias de ovulação e menstruação passadas e previstas, os dias em que foram realizados testes caseiros de ovulação, os dias em que foram feitas tentativas de inseminação caseira e os testes de gravidez. Acompanhando e materializando esses registros de datas, são coladas também as próprias fitas dos testes caseiros (de ovulação e/ou gravidez).

Os registros imagéticos produzidos e anexados a essas publicações são parte bastante significativa de sua identidade, sendo eles agentes (visuais e materiais) muito importantes nesse tipo de publicação de “consulta”. Baseada nesse conjunto de publicações, suas imagens, relatos e dinâmicas de interação presentes nos grupos, me guiei para realizar meus próprios testes e controles de ciclo menstrual e fértil, buscando explorar as diferentes formas de se fazer esse controle presentes nos grupos.

03 de julho de 2022

Eu nunca tinha feito um teste de gravidez.

Nunca havia mijado em um copinho e enfiado uma tira dentro dele. Não conhecia a ansiedade que toma o cor-

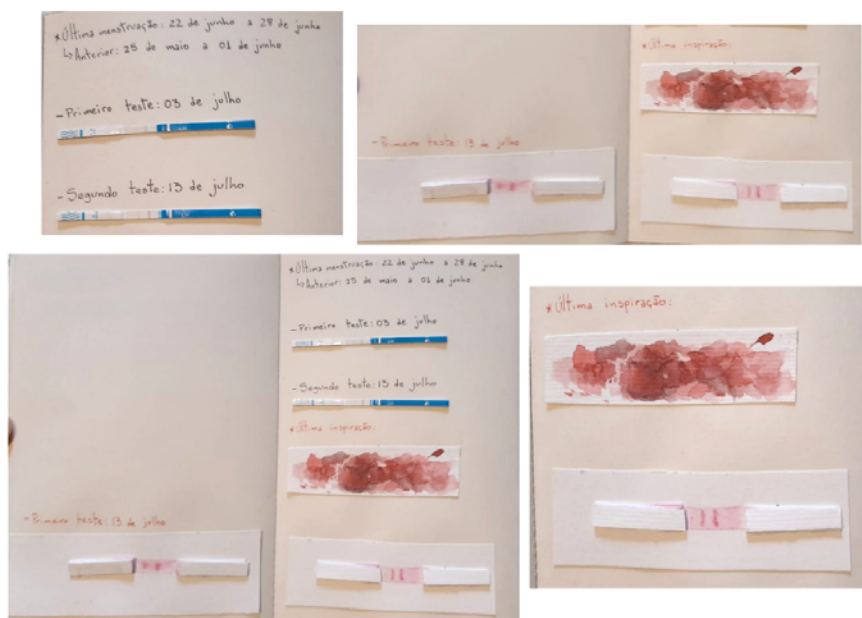
po enquanto se encara o mijo espalhando pela tira, tornando ela rosa, secando, a(s) linhas aparecendo (ou não). Começo pelo de ovulação.

Arranco do pacotinho verde uma tira branca com inscrições azuis. Pego emprestado do teste de gravidez que comprei um potinho assim minúsculo, transparente. Achei simpático. Levo tudo para o banheiro: pacote, teste, pote. Fecho a porta, tranco. Por algum motivo toda essa atividade é pra mim um pouco vergonhosa, como se não me pertencesse. Me sinto deslocada. Sento no vaso, abro as pernas, posiciono como posso o copinho e concentro toda a energia que tenho para mirar certo. Erro. Reposiciono já aceitando que vou me sujar. A vergonha volta, mesmo sozinha no banheiro. Quando o potinho se enche pego o papel higiênico, desesperada para secar a mão. Passo papel em tudo, reforço com um lenço umedecido. É quase cômico como certas funções – fluxos e fluidos – do nosso corpo são capazes de nos causar tamanho desconcerto. Quando termino, pego o pacotinho verde para ler as instruções (afinal, eu nunca fiz um teste de gravidez). Tudo em inglês, com algumas ilustrações para auxiliar na explicação dos modos de uso do teste e na leitura do resultado. Uma linha rosa: negativo. Duas linhas rosas: positivo. Mergulho a tirinha pequenina e conto os segundos na cabeça e, em seguida, descanso a tirinha no chão enquanto vejo o líquido subir através do papel. Pouco a pouco aquela rosa vai subindo, aquoso, devorando tudo em alguns segundos (Recorte do meu caderno de campo).

Portanto, realizei vários processos concomitantemente: monitorei meu ciclo a partir de um aplicativo menstrual ao longo de seis meses, começando alguns meses antes do primeiro experimento de inseminação para que o aplicativo calculasse meu ciclo corretamente e, ao longo dos últimos meses, registrando no aplicativo cada teste de ovulação e gravidez realizados. Realizei testes caseiros de ovulação e testes de gravidez de variados tipos e com eles produzi meu ca-

lendário com os testes colados. Coletei meus fluidos ao longo de todo um ciclo.

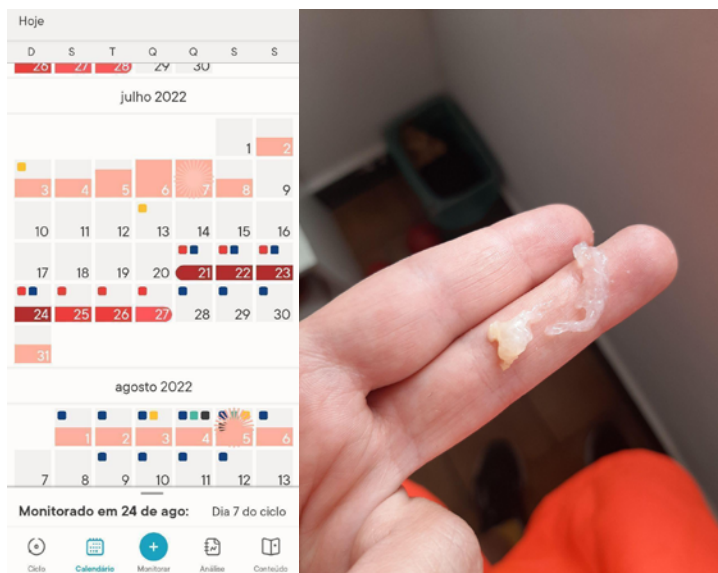
Figura 4 – Colagem de pedaço do caderno de campo com “agenda” de inseminações, testes de gravidez e períodos menstruais, similar àqueles produzidos e compartilhados por tentantes



Fonte: Elaboração própria (2023).

Para além de me guiar por esses agentes-imagens compartilhados nos grupos para realizar meus experimentos corporais, o movimento contrário também aconteceu. Esses experimentos me serviram por um lado para ter um entendimento muito melhor das experiências corporais, afetivas e afetadas envolvidas nesses controles dos ciclos; por outro lado, serviram também para produzir novas imagens, novas mídias de diferentes formatos para que eu pudesse incorporar ao meu texto, ampliando as diferentes formas de mostrar e narrar os fazeres e saberes da inseminação caseira.

Figura 5 – Print da tela do meu aplicativo Flo, de controle menstrual
/ **Figura 6** – Imagem de corrimento simulando as fotografias
compartilhadas nos grupos para controle dos ciclos e fluidos



Fonte: Elaboração própria (2022, 2023).

Experimentando o método seringa

4 de agosto de 2022

Esquentei um pouco a água no fogão, para performar uma similaridade com a temperatura do sêmen recém ejaculado, mas também para não ter um choque térmico com a água gelada da torneira.

Levo para o quarto, arrumo a cama, tiro as roupas, deixando só a calcinha e o binder. Sinto frio. Coloco o celular em uma posição adequada para filmar e aperto para começar a gravar. Sento na cama e despejo/gozo a água da leiteira no pote de coleta de tampa vermelha. Tiro a calcinha e abro as pernas. Lembro das visitas à gineco-

logista. Penso que talvez seja menos incômodo o processo se abrir mais as pernas, como fazem as cadeiras ginecológicas. Pego a seringa e puxo o líquido para dentro dela. 10 ml cobertos.

Levo em direção à vagina, e estico a cabeça pra cima para tentar assistir o que estava fazendo. Não rola. Toda vez que levanto a cabeça meu corpo contrai pelo esforço e a seringa trava na entrada, espremida pelos músculos vaginais. Sinto incômodo. Incômodo... é engraçado como vamos aprendendo as palavras que os médicos dão para nossas dores. Sinto dor. Volto a cabeça para baixo e, com o corpo novamente relaxado, vou tateando intuitivamente com a seringa a entrada do canal. Encontro e a seringa vai se inserindo aos poucos lá dentro. Dizem nos grupos que mais perto do colo do útero as chances são maiores. Não sei. Também vi por lá que isso é tudo besteira e que quem faz mesmo a diferença é a força da seringa pra impulsionar o sêmen, através de sua boa manipulação. Na dúvida, insiro até o meio do caminho e aperto rápido o mecanismo da seringa, em um só jato, toda aquela água me encharca por dentro. A sensação é levemente estranha, mas bem menos do que eu esperava, quase despercebida. Tiro a seringa e faço força com todo o corpo pra segurar a água lá dentro. A tática de levantar as pernas de 3 a 5 minutos depois de fazer a inseminação é amplamente recomendada nos grupos de IC. Obedeço. Jogo as pernas para cima e seguro as ancas com as mãos para evitar que o corpo desça. [...] Depois de alguns minutos desço as pernas ainda segurando o líquido dentro de mim com todos os músculos. Fico deitada uns instantes, acarício a barriga. Quase esqueço que meu filho aquoso não seria gestado. Levanto, pego a toalha e sinto escorrer pelas pernas toda a água que coloquei. Quente (Recorte de meu caderno de campo).

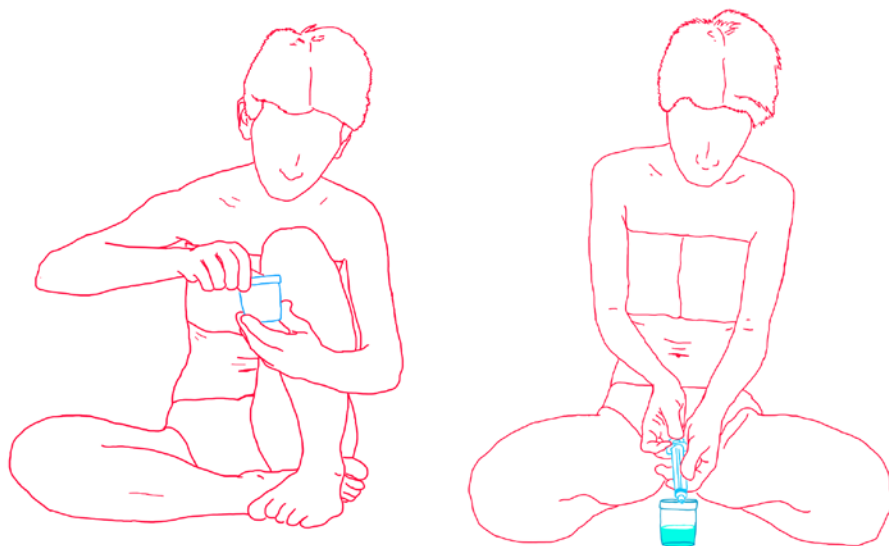
Esse é um recorte do meu caderno de campo, da primeira vez que realizei uma simulação adaptada de inseminação caseira. Inicialmente, utilizei água, tanto na primeira como na segunda tentativa, porém, nas duas últimas vezes, experimentei com outro material: um produto denominado “Sêmen Lub”, projetado para simular a textura do sêmen. Também explorei a técnica utilizando um espêculo em uma das ocasiões, juntamente com diferentes tamanhos de seringas (3 ml, 5 ml e 10 ml) ao longo dessas quatro “tentativas”.

Assim como nas técnicas de controle dos ciclos, essas tentativas-experimentações com o método da seringa possibilitaram um movimento duplo. Primeiramente, aprendi com e através dos grupos sobre o método, o que permitiu a experiência caseira (até certo ponto, pelo menos), uma característica intrínseca ao seu modo de funcionamento. Em segundo lugar, usei essas vivências adquiridas nas “tentativas” para gerar imagens e uma descrição mais densa do método, dois resultados que serão apresentados adiante.

A realidade é que cada inseminação caseira é distinta e cada doador e tentante tem seus próprios métodos, manejos e preferências, de modo que são múltiplas as dinâmicas e técnicas estabelecidas neste tipo de prática reprodutiva. Ainda assim, de modo geral, há um conjunto de procedimentos que são basais e/ou mais recomendados nesses grupos e que nos ajudam a descrever e compreender melhor como são realizadas as inseminações caseiras.

Em geral, os procedimentos das inseminações caseiras são feitos na casa das tentantes, mas por vezes também são realizados em quartos de hotel ou na casa dos doadores. Em um banheiro ou quarto e após lavar as mãos, o doador se masturba e ejacula em um pote coletor (de farmácia, o mesmo utilizado para coleta de urina para exames). Em seguida, aspira o sêmen com uma seringa descartável sem agulha, que pode variar entre 3 ml e 10 ml.

Figura 7 – Inseminação ciborgue, o pote: primeira parte do ensaio gráfico de posturas, gestos e relações corpo-técnica-tecnologia nas inseminações caseiras

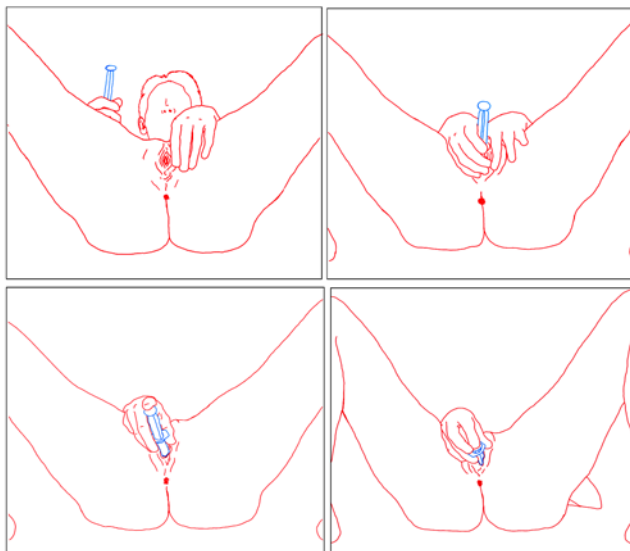


Fonte: Elaboração própria (2023).

A seringa com o sêmen é passada à tentante ou sua parceira pela porta e, em um quarto separado, a tentante se deita em uma cama, preferencialmente com as pernas dobradas ou apoiadas. É muito importante que se tome o mínimo de tempo possível entre a ejaculação e a inseminação, já que os espermatozoides não resistem por longos períodos fora do corpo, processo este que se acelera de acordo com as exposições ao ar e à luz. Nos grupos, sempre se aconselha que se realize esse traslado da seringa e a feitura da inseminação o mais rápido possível.

Para realizar a inseminação, é importante que a tentante esteja lubrificada, seja através de estimulação ou com uso de lubrificante apropriado (com PH neutro). Uma vez lubrificada, a tentante ou sua parceira inserem delicadamente a seringa no canal vaginal e pressionam o mecanismo, injetando o sêmen dentro do canal.

Figura 8 – Inseminação ciborgue, a seringa: segunda parte do ensaio gráfico de posturas, gestos e relações corpo-técnica-tecnologia nas inseminações caseiras



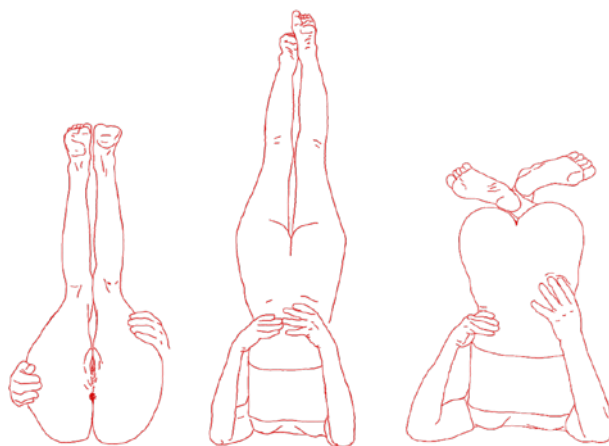
Fonte: Elaboração própria (2023).

Há doadores e tentantes que fazem uso de outros tipos de materiais para realização da inseminação, como espéculos descartáveis e cateteres para permitir um acesso mais direto ao colo do útero, mas o mais comum e recomendado nos grupos digitais é o uso apenas da seringa. Há casos, ainda, de doadores que relatam terem participado do processo de inseminação, a pedido das tentantes, sendo eles os responsáveis por injetar o conteúdo da seringa dentro do canal vaginal da tentante.

Uma vez feita a inseminação, a tentante deve permanecer com as pernas para cima por alguns minutos, para evitar que o sêmen escape, e depois permanecer ao menos meia hora deitada de barriga para cima. A partir dos dez dias subsequentes à inseminação, em geral são realizados testes de gravidez caseiros para verificar se a inseminação foi bem-sucedida. Caso seja um “positivo”, as tentantes avisam ao do-

ador acerca do resultado (ou, ao menos, assim é acordado nos grupos) e/ou faz uma publicação no grupo comunicando o positivo. Caso seja “negativo” e caso as tentantes queiram continuar na busca pela gravidez, novas tentativas são realizadas com o mesmo doador ou outro doador é contatado.

Figura 9 – Inseminação ciborgue, as pernas para cima: terceira parte do ensaio gráfico de posturas, gestos e relações corpo-técnica-tecnologia nas inseminações caseiras



Fonte: Elaboração própria (2023).

Desenho e pintura

Os desenhos que compuseram essa descrição da técnica são mais do que meramente ilustrativos, pois a produção e incorporação desses desenhos – feitos a partir das minhas próprias tentativas de inseminação caseira – foram também parte importante do próprio processo de pesquisa. Para além de experimentar com meu próprio corpo, pude filmar o processo e observá-lo sob novos ângulos, ainda in(corpo)rados à minha própria experiência e perspectiva, mas amplificados nas maneiras de observar o gestual da relação entre corpos e coisas do

“método seringa”. Para além de filmá-lo, entretanto, novas camadas surgiram quando me lancei ao desafio de transportar e transformar em desenho esses gestos filmados.

Como aponta Azevedo (2016a), nos últimos vinte anos acompanhamos a insurgência de um novo movimento de aproximação entre etnografia e desenho, renovada e potencializada nas maneiras de conceber as possíveis articulações entre eles. Assim, temos cada vez mais produções que compõem esse movimento epistemológico e metodológico, no qual o desenho é tomado e experimentado a partir de diferentes modos, explorando suas múltiplas possibilidades “enquanto metodologia de recolha de dados e de observação do mundo” (Gomes, 2016, p. 75), e “tratados como material de análise e de apresentação dos resultados” (Kuschnir, 2016, p. 26).

Nesse trabalho, busquei incorporar o desenho e a pintura com diferentes materiais em dois movimentos conectados: um estudo dos corpos e gestos; e um estudo das materialidades.

Corpo e gesto, desenho e exposição

Importante também falar sobre a abordagem técnica do processo de criação da série de desenhos que compõem o ensaio gráfico sobre as posturas, gestos e relações entre corpo, técnica e tecnologia nas inseminações caseiras, que venho apresentando aqui. Inicialmente, as minhas várias experiências relacionadas ao controle dos ciclos e às tentativas de inseminação foram registradas em vídeo, em diferentes ângulos. A partir dessas filmagens, selecionei uma série de *frames* dos gestos característicos do processo de inseminação caseira desde o seu início até a sua conclusão. Esses *frames* foram então convertidos em imagens estáticas, com as quais prossegui para o software *Adobe Illustrator*, onde realizei o desenho digital sobre as capturas selecionadas.

Figura 10 – Inseminação ciborgue, as pernas para cima:
ensaio gráfico de posturas, gestos e relações corpo-técnica-
tecnologia nas inseminações caseiras

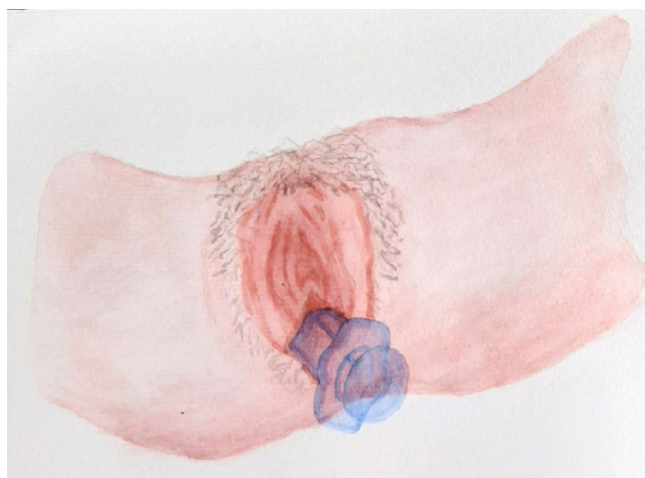


Fonte: Elaboração própria (2023).

Como aponta Ingold (2008, 2011) o desenho é um “modo de pensar” e de “fazer”, no qual o próprio fazer é um processo de pesquisa e um modo de conhecer. O autor destaca que sua potencialidade está especialmente no fato de que a técnica do desenho depende do tempo, do movimento, do estudo e da atenção ou, para melhor dizer em suas palavras: contato e duração. Certamente essa foi para mim uma das maiores potências que esse processo de produção me permitiu: a atenção, o tempo em que se demora, as escolhas feitas das linhas que se decide grafar (porque dizem de um certo movimento-esforço do corpo) e daquelas que se ignora. O que escolhemos grafar uma vez que aquela é também uma imagem de nosso próprio corpo e nossa própria experiência.

Assim, o desenho foi um modo de produzir novos materiais imagéticos ligados ao universo e às práticas de inseminação caseira, que não estão presentes nos grupos (afinal, ninguém filma e posta sua própria inseminação), mas que me parece um conjunto imagético importante para materializar as interações ciborgues entre corpo, técnica e tecnologia envolvidas na inseminação caseira.

Figura 11 – Interação entre corpo e tecnomaterialidade, relação seringa-vagina



Fonte: Elaboração própria (2023).

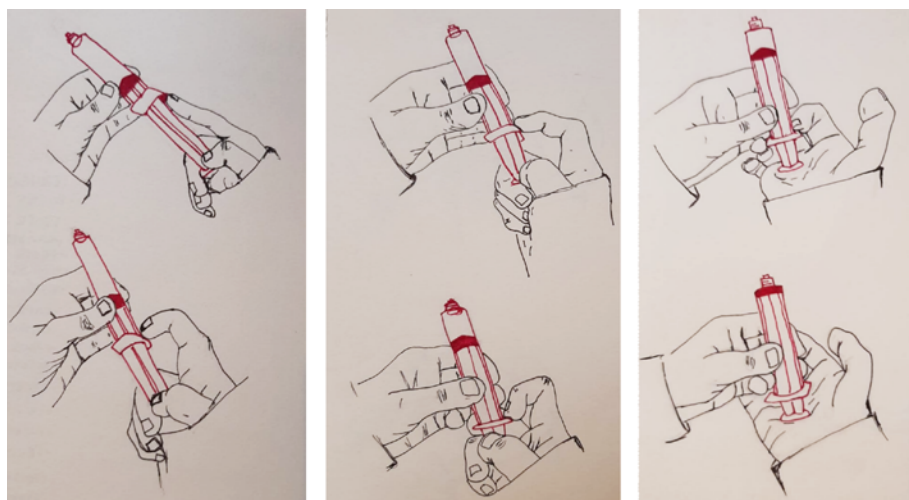
Além disso, busquei também usar o desenho como forma de tentar burlar a vigilância dos metadados⁴ e a exposição (pornográfica e misógina) dos corpos com vagina sem, porém, abdicar de mostrá-los. Me propus a desenhar para explorar os repertórios imagéticos dos grupos e aqueles que os extrapolam, sem de fato expô-los, para tomar para mim a responsabilidade de minha própria exposição controlada e de como fazê-lo. Na escolha pelos desenhos, ao invés de fotografias ou vídeos, por exemplo, busquei explorar as peculiaridades únicas que os materiais imagéticos podem trazer, mas sem expor diretamente imagens de meu próprio corpo também.

Ao optar pelo desenho como ferramenta de representação das práticas de inseminação caseira, portanto, busquei evitar a exposição direta e potencialmente vulnerável de corpos com vagina, que po-

4 Metadados contêm informações como data, localização e detalhes sobre o dispositivo utilizado para produzir essas imagens, o que pode comprometer a privacidade se não forem gerenciados adequadamente. A estratégia de criar novas imagens que não guardam relação com as originais publicadas nos grupos serve para evitar o rastreamento desses dados sensíveis, garantindo que informações pessoais não sejam compartilhadas ou utilizadas sem consentimento.

deriam ser alvo de interpretações pornográficas e misóginas nas interações digitais. Ainda nessa série de estudos dos gestos e interações entre corpos e coisas, além dos desenhos que produzi a partir de minhas autoinseminações experimentais, também me dediquei a pensar nas experiências compartilhadas entre casais de lésbicas/sapatonas. Nessas, uma pessoa insemina a outra, envolvendo todo um novo conjunto de gestualidades que são bastante relevantes quando pensamos nesse contexto das inseminações caseiras lesbocentradas. É o caso, por exemplo, da série a seguir, onde explorei os movimentos entre mãos e seringas na inseminação de outra pessoa e não de si mesma.

Figura 12 –Tecnogestos das inseminações caseiras e lesboinseminações



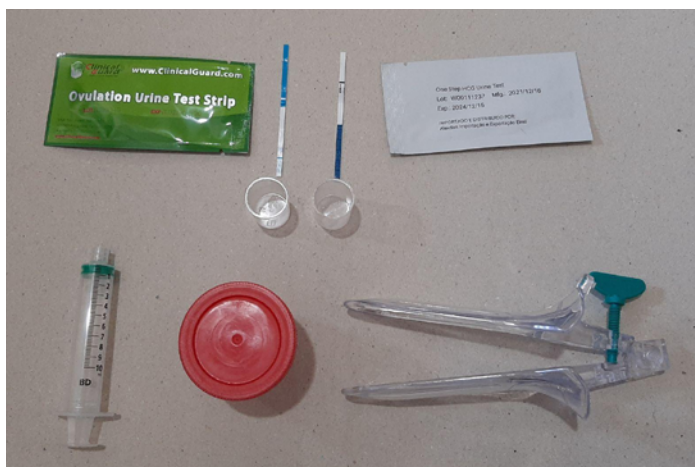
Fonte: Elaboração própria (2022).

As materialidades da inseminação caseira

Dentre as centenas de publicações que mapeei e analisei nos grupos estudados, um conjunto de postagens que me interessou especialmente foi aquelas relacionadas aos materiais e técnicas tecnocorporais da inseminação caseira em si. Muitas das postagens expressam dúvi-

das e perguntas sobre como realizar o procedimento de inseminação caseira, incluindo quais materiais usar e como usá-los. Em resposta, tentantes e doadores compartilham suas experiências com diferentes técnicas de inseminação caseira e oferecem dicas e conselhos.

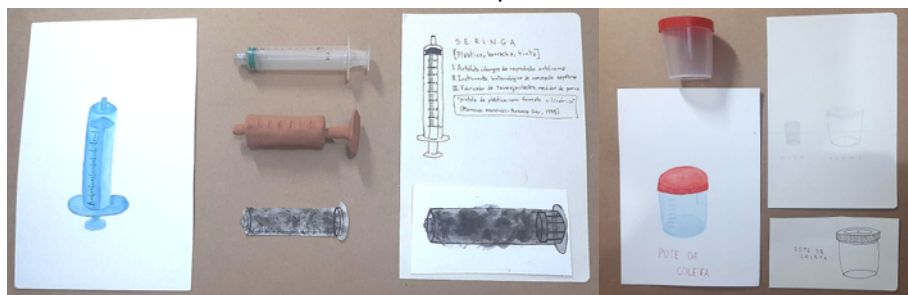
Figura 13 – Conjunto de tecnomaterialidades da inseminação caseira, incluindo seringa, pote coletor, espêculo, teste de ovulação e teste de gravidez de tira



Fonte: Elaboração própria (2023).

O acompanhamento e análise desse conjunto de publicações e interações digitais me permitiu mapear quais eram esses agentes, para também adquiri-los e com eles experimentar, não só corporalmente, mas também através da pintura e desenho dessas materialidades do “método seringa”. Esse movimento duplo de estudo e diálogo com esses agentes-coisas me permitiu ter novas perspectivas acerca de seus usos e das dinâmicas, disputas e relações traçadas nos e com os grupos digitais em torno desses materiais.

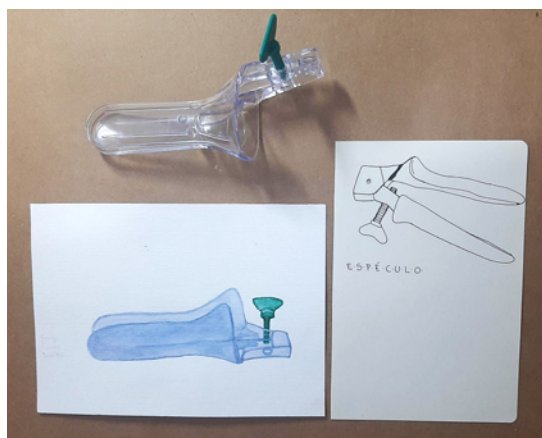
Figura 14 – Experimentações com a seringa em diferentes suportes e materiais / **Figura 15** – Experimentações com o pote coletor em diferentes suportes e materiais



Fonte: Elaboração própria (2022-2023).

Algumas dessas disputas em torno dessas materialidades geradas e/ou trazidas nos e para os grupos digitais, em publicações e comentários são, por exemplo, as postagens que trazem dúvidas ou opiniões acerca do uso (ou não) do espécule (em geral o indicado é que, se for utilizado, ele seja descartável e de plástico, podendo ser comprado em farmácias). Dentro do meu recorte, por exemplo, a maior parte das tentantes comenta que não utilizou essa tecnologia ou que, se tentou, causou desconforto, mas há também aquelas que dizem ter utilizado, terem tido boa experiência e com ele conseguido seu resultado positivo. Entre os doadores, por sua vez, também são divididas as opiniões, mas estão entre eles aqueles que são áduos defensores do uso do espécule como técnica imprescindível para o positivo.

Figura 16 – Experimentações com o espéculo descartável em diferentes suportes e materiais



Fonte: Elaboração própria (2022-2023).

Outros pontos de disputa que, no meu ponto de vista, são especialmente interessantes giram em torno da transparência e do caráter “medidor” das seringas e potes coletores. Esses são dois aspectos bastante fundamentais da constituição dessas duas materialidades e nos quais pude prestar uma atenção peculiar por meio das experimentações com desenho, mas especialmente pela pintura com aquarela (que também é marcada pela transparência em sua materialidade).

Digo que são aspectos disputados, pois há, por exemplo, diferentes posições acerca: do tamanho ideal de uma seringa para realização de inseminações caseiras, considerando um equilíbrio entre “eficácia” e “conforto/desconforto” no uso (sendo as mais recomendadas aquelas de 5 ml ou 10 ml); a quantidade necessária de sêmen e a “qualidade” visual do esperma; e, ainda, um debate em torno da necessidade de “envolver” ou não a seringa e o pote para preservar o esperma no escuro, sendo que esse procedimento consiste em passar fita isolante em torno desses materiais, para cobrir sua transparência e passagem de luz.

Esse último ponto, em especial, é alvo de críticas e suspeitas. Muitos doadores apontam para a necessidade de embalar a seringa e o

pote para evitar a exposição do sêmen à luz, mas há também aqueles que questionam a real intenção desse ato. Um exemplo é um doador que entrevistei, que mencionou casos em que doadores afirmam a necessidade de tampar a seringa para evitar a exposição do sêmen à luz: “só que a maioria dos que fazem isso é só pra não deixar a tentante ver o que tem dentro, pra tentar enganar, às vezes nem tem nada, já vi algumas denúncias desse tipo” (Entrevista com o Doador 1, 2022).

Cerâmica e 3D

Nos grupos digitais estudados, muitas tentantes compartilham informações sobre produtos que podem ajudar na fertilidade, acompanhadas de imagens de seus próprios conjuntos de materiais de inseminação caseira. Esses conjuntos geralmente incluem testes de ovulação e de gravidez, suplementos, lubrificantes, seringas, potes coletores e outros itens necessários para o processo. As tentantes trocam informações sobre as melhores marcas, modelos, locais de compra, preços, custo-benefício, confiabilidade e eficácia desses produtos. Vale notar que as opiniões sobre esses produtos raramente são unânimes entre as tentantes.

É importante ressaltar, entretanto, que embora essas várias marcas e sites de vendas compartilhados comercializem produtos frequentemente apropriados e consumidos nos/pelos contextos de inseminação caseira, elas não produzem nenhum tipo de produto que seja especificamente voltado e adaptado para essas práticas. Digo isso, pois me chamou a atenção, pesquisando na internet sobre materialidades e inseminações caseiras, descobrir que no exterior (especialmente nos Estados Unidos), já existem diversos produtos e mesmo marcas construídas em torno dessas práticas e voltados para esses públicos, explorando o viés de mercado criado pelo uso de práticas reprodutivas em contextos não médicos.

Dentre eles, cito por exemplo a marca Mosie Baby, que criou toda uma linha de produtos e kits específicos para essas práticas, mas tam-

bém outras marcas que produziram produtos específicos para inseminação caseira. Alguns desses, inclusive, tem o design e funções voltados para também desempenharem um papel de “brinquedos sexuais”, dois deles especificamente divulgados como produzidos para a comunidade lésbica, sendo eles: o WAY e o Project Aidn.⁵

Analisando todos esses produtos e as peculiaridades materiais que eles trazem como adaptações dos mecanismos inseminadores de objetos como as seringas, inclusive pensando suas interações com corpos e dinâmicas sexuais lésbicas, me propus a experimentar artisticamente com eles e na criação de outras possibilidades de materialidades desse tipo.

Desenvolvi essas experimentações através da pintura e da modelagem 3D e com cerâmica, explorando cada uma dessas diferentes formas de produção (e os limites de minha habilidade de criar com cada uma delas) para desenvolver novas possibilidades e características para esses artefatos criados que apresento a seguir.

A modelagem 3D revelou-se para mim uma ferramenta de grande potencialidade na exploração e na criação de materialidades digitais. Com ela, pude manipular e dar forma a objetos imaginados, marcados pelas propriedades das materialidades digitais.

Figura 17 – Criações em modelagem 3D de materialidades inseminadoras lésbicas e caseiras: dildo duplo com seringa, luva-seringa

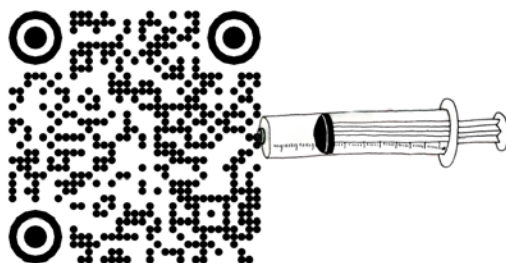


Fonte: Elaboração própria (2022).

5 Disponíveis em: <https://wevux.com/way-kamila-rudnicka0059510/> (WAY) e <https://projectaidn.com/> (Project Aidn).

Além disso, as características únicas da modelagem 3D abriram caminho para possibilidades criativas que foram além da simples representação estática. A animação de materialidades digitais permitiu-me explorar movimentos, interações e narrativas que revelaram as dinâmicas atuantes desses artefatos no contexto das práticas de inseminação caseira, tornando visível e potencializando a agência dos seres-coisas.

Figura 18 – Vídeo de “recriação” do método seringa pensado a partir da agência de suas tecnomaterialidades, produzido em modelagem 3D



Fonte: Elaboração própria (2024).

Já a modelagem com a argila abriu para mim um novo universo de experimentação, onde a arte de moldar se entrelaça com a experiência corporal. Me permitiu adentrar um mundo totalmente novo, um novo universo de experimentos onde o fazer com o corpo e o fazer de corpos se entrelaçam. Através dessa relação com a cerâmica, pude não somente estudar e dialogar com as materialidades, mas também criá-las, conceber novas formas de artefatos, de agentes-coisas imaginadas: seringas-dedos, dildos *queer*, produzidos especificamente para inseminações caseiras lésbicas mais prazerosas e potes-vaginas para a coleta de sêmen.

Entretanto, mais do que os resultados em si, esta “experiência cerâmica” me foi especialmente valiosa pelo próprio fazer: fazer com o corpo, fazer no corpo, fazer um corpo. Fazer com as mãos e entender as peculiaridades de cada pasta, tatear e moldar suas formas, contor-

nos e texturas. É nesse fazer, penso, que os vínculos – múltiplos, materiais, corporais – se fazem, se multiplicam e se transformam.

Figura 19 – Criações cerâmicas de materialidades inseminadoras lésbicas e caseiras: dildo-seringa, dedo-seringa, pote coletor vaginal



Fonte: Elaboração própria (2022).

De tudo um pouco: vídeo-conclusão

Já li algumas vezes que nas cosmologias de diferentes contextos indígenas brasileiros, o fazer cerâmico é também o produzir de um novo corpo, um novo ser (Lima, 2019; Sá, 2018, 2021; Velthem, 2017). A materialidade que compõe o corpo da argila e os processos pelos quais ela passa – a modelagem, o fogo, a transformação – são marcados e marcantes desse caráter de corpo: ela é pesada, é maleável, é dura, é frágil. E, justamente por esses mesmos traços de sua personalidade, foi também na argila que encontrei uma maneira de flertar com sensações e experiências de meu campo que me faltaram.

15 de outubro de 2024

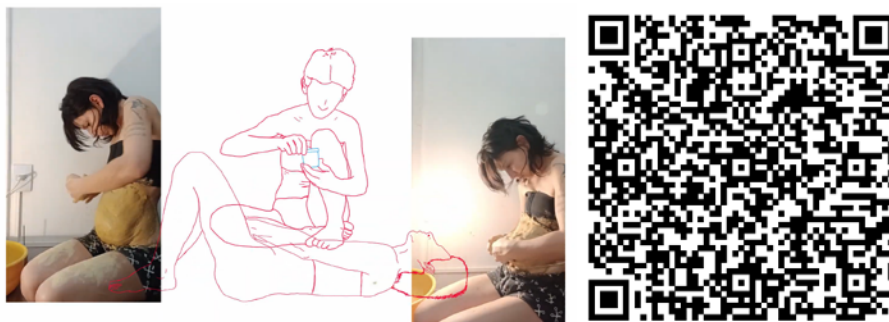
Eu sonho que estou grávida pelo menos uma vez por semana, desde que tinha treze ou quatorze anos. Ao longo desse tempo, experimentei em sonho todos os tipos de sensação

imaginada que a gravidez teria: a de ter algo vivo dentro de si, crescendo, a de acompanhar visualmente e corporalmente a barriga se inchando, o peso se acumulando e dobrando as costas. Especialmente o peso. Entretanto, nunca havia de fato experimentado com nenhuma delas. Nem sabia como. A argila me deu esse caminho, me permitiu experienciar o peso, a envergadura das costas, me permitiu vislumbrar uma nova silhueta, me deu uma barriga para segurar com os braços tensos, como se a fosse de fato carregar nas mãos. A argila me trouxe problemas e dificuldades também. O frio de ter a pasta gélida presa ao corpo, o peso da massa argilosa somado a falta de textura da pele para segurá-la, que me fizeram constantemente ter de me apressar com punhados de argila molhada em mãos, para grudar novamente o bloco-barriga ao meu torso. O tempo que leva para que ela seque o suficiente para receber novas partes. A impaciência. A vontade própria que a argila tem, se recusando a agir de acordo com meus intentos e apenas, só apenas em diálogo... (Recorte do meu caderno de campo).

Esse é um relato recortado de meu caderno de campo, da última experiência que desenvolvi, depois de finalizar a dissertação: depois de várias “tentativas” de inseminação caseira, finalmente meu experimento de “positivo”. Realizei dois testes de modelagem de uma barriga de argila, incorporando-a na minha própria. Pouco a pouco fui construindo minha gravidez cerâmica, a construção de um novo corpo, cuja feitura se deu em difícil diálogo com a vontade própria da argila e suas características materiais. Me lembrei de um trecho do trabalho de Lilian Panachuk de Sá (2021, p. 60), com quem tive o prazer de aprender o pouco que sei da argila e da cerâmica, quando ela diz que a argila é também um corpo, uma pessoa com sua própria (por vezes má) vontade e que exige com ela um diálogo entre corpos, “o humano e o argiloso”.

Como produto artístico final, produzi um vídeo que ao mesmo tempo é um relato visual dessa minha última experimentação e também um agregamento de vários desses diferentes processos descritos neste texto. Nele, busquei agregar, de forma sobreposta e simultânea: registros em vídeo desses dois testes de gestação argilosa, assim como os desenhos dos experimentos corporais com o método seringas; e relatos narrados em áudio dos recortes de meu caderno de campo onde registrei meu primeiro teste caseiro, minha primeira tentativa de inseminação, meu processo e a modelagem da barriga.

Figura 20 e Figura 21 – Print e QR Code⁶ do vídeo-experimento “Gestar argila, parir cerâmica”



Fonte: Elaboração própria (2024).

A sobreposição aqui, foi usada não apenas como elemento artístico, poético, mas também como ferramenta de representação da forma como os fluxos e dinâmicas relacionais entre múltiplos agentes acontecem nos grupos digitais. Lá, tudo acontece ao mesmo tempo, todos esses agentes – testes, métodos de controle, preparo dos corpos, tentativas de IC, negativos, positivos, relatos, imagens –, todos esses momentos e movimentos, em rede.

6 Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1tWbyjtnBjYHMaZC4lecEnyxDz2YyvB-GE/view?usp=drive_link Acesso em: 14 mai. 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experimentações corporais e artísticas que empreendi ao longo da pesquisa foram fundamentais não apenas como método ou resultado, mas como processos que me conectaram profundamente com o campo das inseminações caseiras. Engajar-me com as materialidades e imagens, seja através do desenho, da pintura, da colagem ou da modelagem (em argila e modelos digitais em 3D), me proporcionou uma maneira singular de experienciar e analisar as redes sociotécnicas envolvidas.

Ao manipular esses materiais a partir do que aprendi com os saberes produzidos nos grupos senti que, pelo menos em algumas esferas e experiências (especialmente corporais), ultrapassei a posição de mera observadora e passei a construir minhas próprias relações com as materialidades das coisas e técnicas da inseminação caseira. Mesclar e fazer dialogar essas experimentações corporais com práticas artísticas experimentais me permitiu explorar, de forma muito mais afetada e afetiva algumas das dinâmicas e interações que compõem o campo. A experiência de desenhar e pintar, por exemplo, me ajudou a compreender as formas e dinâmicas dos gestos e as particularidades materiais dos artefatos envolvidos nas práticas, num processo.

Essa imersão sensorial e artística também facilitou uma conexão mais íntima com os agentes não humanos do campo. As ferramentas e materiais que manipulei passaram a ser interlocutories importantes de uma jornada investigativa que ampliou minha percepção sobre as capacidades e limitações das múltiplas tecnologias envolvidas. Essa interação me afetou profundamente, auxiliando na vivência e reflexão das relações estabelecidas entre corpos e (múltiplas) coisas nesse contexto, reforçando para mim ainda mais a importância de incluir essas dimensões na análise das redes sociotécnicas.

Sugiro ainda que essas experimentações abrem a possibilidade de algumas contribuições para o campo da antropologia e dos estudos

sobre contextos reprodutivos lésbicos e técnicas conceptivas caseiras. Em primeiro lugar, elas evidenciam como a incorporação de práticas artísticas pode enriquecer a pesquisa etnográfica, oferecendo novas formas de ver, sentir e narrar os contextos estudados. Através da criação de imagens foi possível acessar e comunicar aspectos das redes sociotécnicas que seriam difíceis de experienciar de outras maneiras, o que me permitiu habitar as redes de forma mais plena e sensorial, afetando e sendo afetada pelas tecnomaterialidades, pelas narrativas visuais e pelo processo de experimentação em si, brincando com diferentes suportes, técnicas e materiais como forma de pesquisa.

Em suma, as experimentações corporais e artísticas não foram apenas um complemento, mas uma parte importante do meu processo de construção e compreensão do campo. Além disso, penso que, com esses experimentos me junto a outres pesquisadores cujas pesquisas e inovações metodológicas/epistemológicas com experimentos corporais (Preciado, 2023 [2008]; Repolês, 2017), imagens e produções artísticas (Azevedo, 2016a, 2016b; Boserman, 2014; Gomes, 2016; Kuschnir, 2014, 2016) também apontam para a potência dessas práticas para desafiar e expandir os limites da etnografia.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aina. Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, p. 15-32, 2016a.

AZEVEDO, Aina. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. **Áltera** – Revista de Antropologia, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 100-119, 2016b.

BOSERMAN, Carla. “Entre grafos y bits”. **Obra digital** – Revista de Comunicación, Narrativas y diseño digital, número 6, fevereiro. 2014.

CARVALHO, Flora Villas. “**Método seringa**”: materialidades ciborgues, saberes e técnicas da inseminação caseira na produção de maternidades lésbicas/sapatonas. 2024. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural)

– Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024.

GOMES, Inês Belo. “Deixei o desenho enterrado” ou como ressuscitar o grafismo enquanto metodologia antropológica: um caso prático. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, p. 75-90, 2016.

HARAWAY, Donna. O manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*: TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009 [1985]. p. 33-119.

INGOLD, Tim. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. **Ponto Urbe**, Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, n. 3, 2008.

INGOLD, Tim. **Being Alive** – Essays on movement, knowledge and description. London and New York: Routledge, 2011.

KUSCHNIR, Karina. Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 3, n. 2, p. 23-46, 2014.

KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, p. 5-13, 2016.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de Antropologia Simétrica. São Paulo: Editora 34, 1994.

LIMA, Helena. Ensaio sobre a cerâmica: Cerâmicas Arqueológicas e a História Antiga da Amazônia. *In*: NAVARRO, Alexandre G. (org.). **A civilização lacustre e a Baixada Maranhense**: da Pré-História dos campos inundáveis aos dias atuais. São Luís: Café e Lápis; Edufma, 2019.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: Companhia das Letras, 2023 [2008].

PRECIADO, Paul B. Transfeminismo nel regime farmaco-pornografico. *In*: BORHI, Liana; MANIERI, Francesca; PIRRI, Ambra. **Le cinque giornate lesbiche in teoria**. Tradução de Thiago Coacci. Roma: Ediesse, 2011.

REPOLÊS, Sereno Gonçalves. **Recalculando rotas**: uma etnografia sobre trânsitos de corpos, afetos e sexualidades em vivências transmasculinas. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SÁ, Lilian Panachuk de. **Gestando potes e pessoas**: a cerâmica como processo de aprendizagem do sensível e concreto. 2021. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SÁ, LÍLIAN Panachuk de. As ceramistas e a arqueóloga: a argila na construção de corpos distintos. **Habitus**, v. 15, n. 1, p. 28-53, 2018.

VELTHEM, Lucia Hussak van. **O livro da argila**: Ëliwë Pampila, Orino Papeh. Organização de Iori Leonel van Velthen Linke e Lucia Hussak van Vethem. São Paulo: Iepé, 2017.